



# A Santa Sé

---

## **DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II NO ENCERRAMENTO DA VI ASSEMBLEIA DO SÍNODO DOS BISPOS**

*29 de Outubro de 1983*

1. "*Misericórdias Domini in aeternum cantabo*" (Sl. 89, 2).

Ao término deste Sínodo, que nos viu reunidos para reflectirmos sobre "a reconciliação e a penitência na missão da Igreja", o sentimento que surge espontâneo dos nossos corações não pode ser outro que de louvor e de reconhecimento à infinita bondade do Senhor "que revela a sua onipotência sobretudo com a misericórdia e o perdão" (cf. Oração XXVI Domingo do Tempo Comum»).

É um sentimento que exprimimos com ânimo profundamente consciente das nossas pessoais debilidades, e também daquelas dos fiéis confiados aos nossos cuidados pastorais. Talvez não estejamos muito longe da verdade se vemos nas mesmas dificuldades e tensões, surgidas durante as discussões, a manifestação daquilo que deve ser reconciliado e sanado no Corpo eclesial, mediante a penitência pelos próprios pecados e por aqueles de todos os homens. Dado que os Pastores trazem os sofrimentos e as feridas das suas ovelhas, embora eles mesmos não se dêem conta disto, a graça do Sínodo consiste em que estes sofrimentos e estas dores sejam expostos, a fim de que consigamos a cura deles e recebam a salvação, fazendo penitência mediante a graça da reconciliação. Nos seus debates os Padres sinodais viveram aquilo que deve constituir objecto de penitência, isto é, daquilo de que se deve pedir perdão a Deus.

Motivada por esta consciência, mais de uma vez durante as sessões do Sínodo voltou a ideia de manifestar externamente, mediante *um acto comunitário de penitência*, o que constituiu o tema dos nossos trabalhos durante estas semanas passadas. Tal acto penitencial foi a *Via-Sacra* que fizemos ao término do Sínodo. Mediante a meditação da Paixão de Cristo inserimo-nos nos objectivos do Ano da Redenção, que estão a manifestar-se em cada uma das Igrejas. Em Roma,

associamo-nos a tudo aquilo que se faz neste sentido nas paróquias, em cada uma das Basílicas, e de modo especial na Basílica de São Pedro.

Agradeço a todos os Irmãos no Episcopado que, juntamente comigo, abriram o Jubileu da Redenção dia 25 de Março, e que nas suas Dioceses presidem à sua realização.

Agradeço também àqueles que durante este Ano vêm a Roma. O número dos *peregrinos*, em particular durante os últimos meses, aumentou de modo extraordinário. É consolador também o facto que muitas pessoas se aproximam do *Sacramento da Penitência*. Esforçamo-nos de igual modo por que o número dos confessores seja suficiente.

A ideia do Jubileu extraordinário em relação com o 1950º aniversário da Redenção surgiu relativamente tarde. O primeiro anúncio foi publicado só em Novembro do ano passado, durante a reunião plenária dos Cardeais. Apesar dos preparativos bastante modestos, a iniciativa encontrou — como parece — *uma viva ressonância*. Parece que ela corresponda a uma necessidade, muito sentida. Esta necessidade concretiza-se ao redor do Mistério da Redenção como fonte da reconciliação e da penitência na Igreja e no mundo contemporâneo. E sem dúvida nela se manifesta a inquietude que acompanha o homem do segundo milénio que está para terminar.

2. A ideia do Ano da Redenção é posterior à decisão de *convocar o Sínodo* sobre o tema: "*A reconciliação e a penitência na missão da Igreja*". Ao mesmo tempo é difícil não observar que estas duas iniciativas se completam mutuamente de modo particular. O encontro delas deve ser reconhecido como uma circunstância *providencial*. Deste modo o Sínodo promana num certo sentido daquilo de que, no Ano da Redenção, procura viver a Igreja, e ao mesmo tempo o jubileu extraordinário encontra nos trabalhos do Sínodo um particular aprofundamento teológico e pastoral.

Desejo agradecer isto, de modo particular, à Providência divina.

Ao mesmo tempo quero agradecer-vos, caros Irmãos, e a todos os Bispos da Igreja. Já o manifestei no dia da abertura do Sínodo; hoje uma vez mais repito-o, no momento do seu encerramento. Agradeço porque os *nossos pensamentos e as nossas solitudes se concentraram ao redor de uma grande causa*: "a reconciliação e a penitência". Da minha parte senti uma profunda necessidade de enfrentar este problema, totalmente vital para a *mesma existência cristã*. Isto foi também por mim manifestado na Encíclica *Dives in misericórdia*, cujos trechos de relevo são dedicados ao problema da "metanoia", isto é, da penitência como conversão, mais ainda, como contínua conversão a Deus. A reconciliação é fruto desta conversão, tanto a reconciliação com Deus como a reconciliação com os homens enquanto irmãos.

Deste modo a penitência (metanoia) e a reconciliação revelam-se como uma dimensão, antes,

como a dimensão fundamental de toda a existência cristã. O Sínodo sobre "a reconciliação e a penitência" tem, pois, uma importância sobretudo existencial. Nele tocamos, em certo sentido, as raízes mesmas do ser cristão no mundo contemporâneo. Sob este ponto de vista deve ser motivo de inquietude a crise da penitência nas suas diversas formas. Trata-se aqui também da penitência como complexo determinado de comportamentos sintomáticos em toda a tradição do Povo de Deus, tanto na Antiga Aliança como na Nova. O trinómio "jejum-esmola-penitência"; juntamente com outras formas diárias de penitências impostas pela vida ou escolhidas voluntariamente, expressa não só algumas acções (obras de penitência), mas testemunha também, além disso, uma referência vital a Deus no modo mesmo da existência do crente; uma referência *impregnada de "metanoia"*. A conversão a Deus, o dirigir-se a Ele, manifesta-se não só mediante a *oração* mas também por meio do "separar-se" e do "desprender-se" das criaturas (*jejum*), sobretudo enquanto impedem a união com Deus. E paralelamente a isto segue a abertura do homem para os demais (*esmola*).

A nossa inquietude pastoral refere-se às mesmas atitudes que se notam entre os cristãos, de modo especial nalguns círculos, ambientes e sociedades. Neles falta a dimensão da penitência. A prática do *sacramento da penitência* não é um problema separado. Este problema encontra as suas raízes — ou não as encontra — precisamente neste modo fundamental da existência do homem, quando chega a ele o *chamamento de Cristo* como um eco das primeiras palavras do Evangelho: "Convertei-vos — fazei penitência".

Existe a preocupação de que, cedendo à corrente das mudanças, *nos separamos* daquela atitude de penitência e também daquela práxis "penitencial" da vida cristã, que antes estavam detalhadamente definidas, sem conseguirem introduzir em seu lugar uma práxis nova que responda melhor às necessidades e às possibilidades da nossa época e que seja ao mesmo tempo bastante expressiva e enérgica. Com outras palavras: existe a preocupação de que neste campo, tão fundamental para toda a existência cristã, a "metanoia-penitência" corra o risco de levar a um vazio *sui generis*, a uma *deficiência*. E se esta deficiência chega a impor-se, afectaria todo o "mistério" da vida cristã e depois se manifestaria no modo de tratar a vida sacramental, sobretudo os sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Já na Encíclica *Redemptor hominis* procurei chamar a atenção para este ponto.

3. Precisamente esta é a solicitude — creio que a nossa solicitude *comum* — que encontrou a sua manifestação no Sínodo dos Bispos de 1983. Juntamente com ela aparece a segunda solicitude unida ao múltiplo significado da expressão "*reconciliação*" não só na linguagem religiosa da Bíblia, mas também na terminologia leiga.

Encontramo-nos aqui no âmbito daqueles círculos do diálogo, dos quais já durante o Concílio falava Paulo VI na Encíclica *Ecclesiam suam*: diálogo dentro do cristianismo (ecumenismo); diálogo com as *religiões não cristãs*, e finalmente diálogo com "*o mundo*". Paulo VI abrangeu todos estes círculos do diálogo com o conceito do "diálogo da salvação" e inscreveu-os no

âmbito da missão da Igreja e da evangelização (*Evangelii nuntiandi*). Ao colocar-se o problema da reconciliação e da penitência, o Sínodo enfrentou-o *no terreno da missão propriamente dita da Igreja e da evangelização propriamente dita*. Tanto o ecumenismo como a busca de caminhos para a aproximação às religiões não cristãs encontraram-se dentro do tema da reconciliação e da penitência.

No que se refere ao mundo contemporâneo, somos testemunhas dos contrastes crescentes e dos conflitos ameaçadores que a diversos níveis existem nele. Todos eles *bradam a alta voz em favor da reconciliação*, a alta voz, porque se torne cada vez mais límpida a eloquência dos desastres e dos cataclismas com que estes contrastes crescentes ameaçam a humanidade.

Nas vossas intervenções expressastes uma viva preocupação pela paz no mundo. A situação internacional é muito tensa, e também eu estou profundamente preocupado. A Igreja deve empregar todos os meios à sua disposição para esconjurar os perigos que ameaçam a segurança do mundo, e convidar os responsáveis das nações a orientarem-se resolutamente na direcção que conduz a uma paz garantida e estável.

Quinta-feira passada enviei uma mensagem pessoal aos Presidentes dos Estados Unidos e do Conselho Supremo da União Soviética, pedindo-lhes que não desistam das negociações, como único meio para compor as diferenças ou os conflitos de interesse, e que ponham fim à corrida aos armamentos, que tem em grande apreensão a humanidade contemporânea.

Neste campo a Igreja tem viva consciência e não cessa de anunciar a *mensagem da justiça e da paz*, segundo as necessidades e a ameaça do mundo contemporâneo. Assim o fazem, seja o Bispo de Roma seja os demais Bispos, a Sé Apostólica e cada um dos Episcopados reconhecendo este capítulo da sua pregação e actividade como *parte da evangelização*.

Neste Sínodo este problema apresentou-se também sob uma nova luz: constitui uma parte *integrante da "reconciliação e da penitência"* daquele "metanoite" (convertei-vos), que é em certo sentido a primeira palavra do Evangelho. Se se pode e se deve falar em sentido analógico de pecado social e também de "pecado estrutural" — dado que o pecado é propriamente um acto da pessoa — para nós, Pastores e teólogos, surge esta questão: que penitência e *que reconciliação devem corresponder a este pecado "analógico"*.

O Sínodo estudou e delineou este problema só em relação com o *chamado evangélico*. Com efeito, o caminho para uma superação radical do pecado, em todas as suas espécies e em todas as suas medidas, é o caminho evangélico, chamado "metanoia": o caminho da reconciliação por meio da penitência, isto é, a conversão.

4. Parece que os dois problemas indicados constituem os elementos da *actual catequese penitencial da Igreja*. A catequese penitencial é ao mesmo tempo uma preparação para o

Sacramento da Penitência. É necessário que nós, na Igreja dos nossos tempos, preparemos os homens para o Sacramento da Penitência conforme uma catequese da penitência adequadamente Integrada. Ao mesmo tempo devemos ter sempre diante dos olhos o *carácter profundamente pessoal deste sacramento*, que de maneira alguma exclui a dimensão social do pecado e da penitência. Devemos ter também presente a sua posição central em toda a economia da obra da salvação e a sua especial união com o *mistério pascal de Cristo* e da Igreja.

Com efeito, imediatamente depois da sua paixão e morte, no mesmo dia da sua ressurreição, por ocasião da sua primeira visita aos Apóstolos reunidos no cenáculo, *Jesus Cristo pronunciou estas palavras: "Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo. 20, 22-23)*. A importância destas palavras e deste acontecimento é tal que merece ser colocada ao lado da importância da mesma Eucaristia.

Durante o Sínodo falámos muito do Sacramento da Penitência na Igreja do período pós-conciliar, à luz das disposições contidas no "*Ordo Poenitentiae*". Todos estes pronunciamentos estavam marcados pela consciência de que estávamos a tratar de uma *questão muito profunda*. Não existe em nós outro desejo senão o de cumprirmos a vontade de Nosso Senhor, que nos *transmitiu e confiou* de um modo especial este sacramento para o bem da Igreja e para a salvação do homem. Este desejo manifestou-se em todas as etapas da discussão e por fim foi expresso nas "propostas do Sínodo".

O breve tempo de que dispomos não nos permite que nos detenhamos mais em várias questões, tratadas durante a assembleia sinodal, sobre a penitência e a reconciliação, tanto no aspecto doutrinal como nas aplicações às condições concretas. Estas questões serão objecto de adequado aprofundamento no documento em que, com a ajuda de Deus, se recolherá a riqueza dos elementos surgidos no Sínodo.

5. O acontecimento eclesial que hoje chega ao seu término, *foi preparado com especial cuidado* no que se refere à sua importante temática. Desejo manifestar a minha calorosa gratidão a todos os que nele participaram de um modo tão activo. A este propósito é-me grato recordar explicitamente os três Cardeais Presidentes Delegados, o Relator Cardeal Carlo Maria Martini, o Secretário-Geral, D. Jozef Tomko, e o Secretário Especial, Padre José Saraiva Martins, juntamente com os peritos. O pensamento alarga-se para abranger também os Auditores e as Auditoras, e as várias comissões, comités e serviços. Todos trabalharam com grande dedicação, merecendo aplausos e gratidão. O nosso reconhecimento dirige-se também a quantos na Igreja sustentaram com a sua oração o trabalho e a diligência dos Padres sinodais. Durante a preparação foi feita também uma acentuada *reflexão* sobre o mesmo Sínodo dos Bispos como tal, sobre o modo justo e quanto possível mais pleno do seu funcionamento, sobre as possibilidades de modificações e de melhoramentos no seu modo de proceder.

Todos estes problemas foram apresentados pelo Secretário-Geral do Sínodo na sua relação introdutória. Um novo passo foi também a relação do Bispo D. Javier Lozano Barragán, que nos permitiu ver, na dimensão de cada país nas diversas partes do mundo, o que se poderia chamar a "*aplicação*" da anterior sessão do Sínodo, em 1980, sobre o tema do matrimónio e da família na missão da Igreja.

Por minha parte quero manifestar a minha especial gratidão por todas estas iniciativas. O *Sínodo dos Bispos*, que a Igreja herdou do Concílio Vaticano II, *é verdadeiramente um grande bem*. Estamos cada vez mais convencidos dele. Cada sessão nos confirma nesta convicção. Creio que com estas palavras expresse o sentir comum, mas sobretudo desejo manifestar o meu próprio pensamento.

O Sínodo dos Bispos é uma *manifestação* particularmente valiosa *da colegialidade episcopal da Igreja* e também um instrumento seu de peculiar modo eficaz. Talvez este instrumento possa tornar-se ainda melhor. Talvez a responsabilidade colegial possa expressar-se no Sínodo de uma forma ainda mais plena. Contudo, é necessário constatar que, na forma em que existe e se desenvolve actualmente, no ano do Senhor de 1983, presta *um enorme serviço à Igreja*. Este serviço é importante sob o ponto de vista da vida da Igreja, da sua "auto-realização". Sob o ponto de vista do nosso *ministério* pastoral, é importante para o próprio ministério colegial.

A estrutura do Sínodo permite-nos a todos nós obter, num tempo relativamente breve, uma *imagem sintética* e ao mesmo tempo bastante diferenciada de um determinado problema (ver) e tirar as conclusões (julgar) importantes para a acção da Igreja (agir). Poderia dizer-se que o Sínodo é um meio humilde e ao mesmo tempo bastante eficaz.

Se formalmente prevalece o carácter *consultivo* dos seus trabalhos, todavia é difícil não compreender em que medida estas "consultas" têm ao mesmo tempo uma importância eclesial. E assim é de grande importância que os documentos, que aparecem depois do Sínodo, reflectam o pensamento comum da assembleia sinodal e do Papa que a preside "ex officio".

Dentro deste espírito, Veneráveis e amados Irmãos, desejo manifestar-vos hoje, a cada um e a todos, quanto aprecio a *comunhão sinodal* das nossas últimas quatro semanas. O amor à Igreja exige que esta nossa Mãe seja cada vez melhor conhecida, pois assim podemos servi-la de um modo cada vez mais eficaz. Sob este ponto de vista a *experiência sinodal*, a possibilidade de encontro com Bispos do mundo inteiro, a possibilidade de escutar tantas Intervenções competentes, é para mim uma circunstância especialmente valiosa e importante. Graças a ela posso compreender de modo cada vez mais profundo a Igreja que o Cristo Senhor confiou a todos nós, confiando-a aos Apóstolos e a Pedro.

A alegre e fraterna experiência vivida nesta comunidade sinodal leva-me espontaneamente a recordar alguns dos nossos Irmãos no Episcopado que, apesar do seu desejo e do interesse da

Sé Apostólica, não tiveram a possibilidade de se encontrar entre nós. A ausência dos seus representantes impediu aos Episcopados da Lituânia, da Letónia e do Laos a participação directa neste importante acontecimento da Igreja católica. Além disso, o Episcopado da Checoslováquia só pôde estar presente com um dos dois representantes designados. Assim, esta assembleia sinodal sentiu a ausência de contributos que poderiam ter vindo destes irmãos a respeito da realidade pastoral dos seus países.

6. A comunidade sinodal tem sempre em si mesma algo daquela *primeira reunião dos Apóstolos ao redor da Mãe de Cristo*, os quais estavam à espera da vinda do Espírito Santo no dia do Pentecostes.

Oxalá também esta nossa comunidade sinodal, reunida para tratar da "reconciliação e da penitência" e marcada pela canonização de São Leopoldo Mandic, grande servidor do confessional, prepare a Igreja, por intercessão da Mãe de Cristo, para receber o Espírito Santo: *Espírito da conversão e Espírito da paz*.

Como os Apóstolos no cenáculo, assim também nós nos unimos em fervorosa oração com a Mãe de Cristo e Mãe da Igreja. Sentimos uma necessidade especial *da sua intercessão* no que se refere a estes problemas mais profundos da dimensão das consciências humanas e, ao mesmo tempo, dos problemas que pesam sobre o horizonte da vida de toda a família humana como um doloroso peso do nosso tempo.

Só na cruz de Cristo, por intercessão da sua Mãe, este peso pode tornar-se "suave e leve", e pode colocar-se sobre os ombros do homem como o *peso da salvação e o sinal da esperança*.